



A CONSTITUIÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA CIENTÍFICA: UM OLHAR HISTÓRICO

THE CONSTITUTION OF LIBRARY SCIENCE:
A HISTORICAL LOOK

LA CONSTITUCIÓN DE LA BIBLIOTECOLOGÍA:
UNA MIRADA HISTORICA

Gabrielle Francinne Tanus¹

RESUMO

A Biblioteconomia científica, foco desta pesquisa de cunho bibliográfico, tem seu nascimento associado ao século XIX, um momento em que as mudanças suscitaram uma virada na postura do campo. Anterior a essa definição, a Biblioteconomia fora marcada pelos termos pré-científica e proto-científica, as quais demonstram um movimento em direção a constituição desse saber, refletidas em práticas e em algumas produções, sobretudo, os manuais, voltados também para a instituição biblioteca. Ao longo dessa trajetória a Biblioteconomia entrelaça com outros campos como a Bibliografia, Bibliologia, Documentação, e desde o século XX com a Ciência da Informação, os quais contribuem para a configuração e a delimitação dos campos. Compreender essa senda da Biblioteconomia contribui para um maior entendimento de sua história e de seu processo de constituição como campo do saber inserido dentro de um processo repleto de acontecimentos históricos, os quais incidem sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia.

PALAVRAS-CHAVES: Biblioteconomia. Biblioteca. Bibliotecário. História.

ABSTRACT

Library Science, which is the focus of this bibliographic research, has its birth associated with the nineteenth century, a time when the changes provoked a turning point in the field position. Previous to this definition, Library Science had been defined by pre-scientific and proto-scientific terms, which demonstrates a move towards the creation of such knowledge, reflected in practices and in some productions, especially the manual, also facing the library institution. Along the way Library Sciences intertwines other fields such as the Bibliography, Bibliology, Documentation, and from the twentieth century, Information Science, which contributes to the setting and boundary marking of the fields. Understanding this path of Library Science contributes to a greater understanding of its history and its constitutional process as a field of knowledge inserted into a process full of historical events, which focus on the development of Library Science.

KEYWORDS: Library Science; Library; Librarian; History.

RESUMEN

La Bibliotecología científica, el enfoque de la naturaleza de la investigación bibliográfica, tiene su nacimiento asociado con el siglo XIX, una época en que los cambios provocaron un punto de inflexión en la posición de campo. Anterior a esta definición, la Bibliotecología se ha caracterizado por términos pre-científicas y proto-científica, que demuestran una tendencia hacia la creación de tal conocimiento, que se refleja en las prácticas y en algunas producciones, sobre todo el manual, también se enfrenta a la institución de la biblioteca. En el camino de la Bibliotecología se entrelaza con otros campos como la Bibliografía, Bibliología, Documentación, y desde el siglo XX con la Ciencia de la Información, que contribuyen a los límites del campo de ajuste y marcado. La comprensión de este camino de la Bibliotecología contribuye a una mayor comprensión de su historia

¹ Doutoranda em Ciência da Informação, Mestre em Ciência da Informação, bacharel em Biblioteconomia (UFMG), e bibliotecária do Sistema de Bibliotecas da UFMG. Belo Horizonte, Minas Gerais – Brasil.
<http://orcid.org/0000-0003-2463-7914>. Email: gfrancinne@gmail.com

Submetido em: 03/03/2016 – **Aceito em:** 06/05/2016.

y su proceso constitucional como un campo de conocimiento se inserta en un proceso lleno de acontecimientos históricos, que se centran en su desarrollo.

PALABRAS CLAVE: Bibliotecología. Biblioteca. Bibliotecario. Historia.

1 INTRODUÇÃO

A Biblioteconomia possui uma longa história, que remonta as bibliotecas da Antiguidade, pois se considera que seus antecedentes vinculam-se com as práticas exercidas já naqueles espaços. Contudo, a Biblioteconomia não se configura naquele momento como um campo científico, mas sim como um campo prático, ligado a um fazer, uma ação que antecede a teoria. As bibliotecas, por sua vez, não buscavam atender a um público amplo e diversificado, nelas se buscavam mais guardar, proteger, do que divulgar ou dar acesso. Assim, a Biblioteconomia pré-científica, da Antiguidade a Idade Média, é marcada em grande medida por um empirismo e por uma biblioteca fechada em suas práticas, e, por sua vez, com a presença ou não de um bibliotecário erudito, no qual seria responsável pelo acervo sob seu controle. Com o aperfeiçoamento da imprensa dos tipos móveis, no século XV, é que se inicia uma mudança em relação a produção e a organização do conhecimentos, que se tornam mais abundantes e de mais fácil contato dos leitores para além dos livros em latim e de temática religiosa, o monopólio da produção dos livros não mais se restringe às ordens religiosas (PULIDO; MORILLAS, 2006).

Devido às mudanças na Idade Moderna, a Biblioteconomia assume uma outra denominação, de proto-científica, na qual é antecessora de uma Biblioteconomia científica, aquela é marcada pelo contexto de um aumento da produção do conhecimento, e da centralidade em torno de assuntos como catalogação e classificação dos livros, tanto no ambiente das bibliotecas como no fazer das bibliografias, obras que são amplamente editadas a partir do século XVI. Os manuais voltados para a Biblioteconomia também são editados ao longo dos séculos, sendo o mais famoso deles, o *Advis pour adresser une bibliothèque*, de Gabriel Naudé, de 1627, um manual que trata da importância do catálogo e de uma biblioteca com acervo diversificado, visando atender a todos. De fato, o estabelecimento de uma Biblioteconomia científica, ocorre no século XIX, com a publicação não mais apenas de manuais, mas de obras que além do fazer, discutem seus assuntos, no âmbito teórico. Há também uma mudança significativa nas bibliotecas e na figura do bibliotecário que passa mediar o acervo e os leitores nas bibliotecas públicas, as quais são fruto das mudanças advindas da Revolução Francesa e da Revolução Industrial (ORERA ORERA, 1995).

Ao longo dos séculos foi possível perceber a constante preocupação com a organização dos saberes refletidos na construção de catálogos de bibliotecas, inventários, listas ou repertório dos títulos dos livros (impressos ou manuscritos), isto é, bibliografias temáticas, gerais, nacionais, internacionais, analíticas, críticas, ou descritivas apenas. Uma vasta produção sobre a produção do conhecimento foi realizada, gerando um campo chamado Bibliografia, que para Morales Lopez (2008) é o primeiro termo que faz referência ao estudo da informação registrada e organizada, e que abre espaço para a inserção posterior dos termos: Bibliología, Biblioteconomia ou Bibliotecología, Documentação e Ciência da

Informação. Devido o enlace que se estabelece entre estes termos na própria constituição histórica e do campo da Biblioteconomia, objetiva-se, mesmo que em linhas gerais, perpassar sobre esses campos, focando, sobretudo, na Biblioteconomia científica, e em especial, no século XIX, momento de seu nascimento. Enfim, acredita-se, que esse rememorar historiográfico contribui para a compressão da trajetória da Biblioteconomia e para seu fortalecimento científico.

2 A BIBLIOGRAFIA E A BIBLIOLOGIA COMO ANTECEDENTES

A origem da Bibliografia é discutível, podendo ser referida desde os tempos remotos da Antiguidade, tendo como precursor Calímaco, que produziu o *Pinakes* (uma espécie de bibliografia que listava os títulos e autores da biblioteca de Alexandria), passando pelas produções da Idade Média, com Galeno e Jeronimo, este último autor da obra *Scriptores ecclesiasticorum vitae*, um listado de obras de autores católicos, e *Illustrium virorum catalogus*, de Genadio de Marsella. Com a imprensa dos tipos móveis, a produção de bibliografias tornou-se cada vez mais crescente, marcando outra corrente que discorre sobre o nascimento da Bibliografia, esta particularmente a partir do livro impresso, tendo como principais representantes as compilações bibliográficas de Konrad Gesner e Johann Trithem, na metade do século XV. Embora, a prática da confecção de bibliografias remontasse há séculos, o termo aparece pela primeira vez na obra *Bibliographia política*, de Naudé, escrita em 1633, demonstrando que aquela obra continha uma lista de títulos de livros. Louis Jacob também publicou duas obras, cujos títulos continham a palavra bibliografia, *Bibliographia pontifícia* e a *bibliographia gallica universalis*, ambas no século XVII (MORALES LOPEZ, 2008).

No século seguinte, especificamente na data de 1704, surge a primeira definição de Bibliografia, na obra *Dictionnaire universel François et latin*, que assinala-a como conhecimento e interpretação dos antigos manuscritos, definição esta que aproxima a Bibliografia do campo das humanidades, já que a maioria dos manuscritos era de Filosofia, Literatura e História, exigindo conhecimentos dessas matérias por parte dos bibliógrafos (MORALES LOPEZ, 2008). O movimento enciclopedista, que teve como materialização a publicação da *Encyclopédie* (conjunto de obras que buscavam arrolar todo o conhecimento humano), levou também as bibliografias a publicarem o conhecimento universal, expressos nos “repertórios bibliográficos universais”, ademais da valorização do conteúdo intelectual das obras sobre o valor físico ou material. Segundo Morales Lopez (2008) o enciclopedismo contribuiu para forjar o pensamento que influenciou acontecimentos posteriores, como a Revolução Francesa, que provocou um deslocamento radical no âmbito político, cultural, econômico, e também no biblioteconômico.

Contudo, antes de adentrar nas mudanças ocasionadas pela Revolução Francesa, cumpre salientar que o campo da Bibliografia possui uma estreita relação com o campo da Biblioteconomia, não sendo desejáveis delimitações muito rígidas, pois em ambas a preocupação com a organização dos saberes era comum desde a antiguidade, podendo ser

percebida através da confecção dos catálogos e bibliografias para as bibliotecas. Moreiro González (2005) demonstra ainda que, no século XVIII, era comum a denominação de *Bibliotheca* nas obras bibliográficas e nas influências entre as classificações das bibliografias e os catálogos das bibliotecas. Nessa direção, compartilha-se da visão de Shera e Egan (1961), os quais abordam a proximidade entre a Bibliografia e Biblioteconomia, “por mais de quatro séculos a Biblioteconomia foi quase sinônimo de Bibliografia”. A separação entre elas se radicaliza no final do século XIX, quando entra em cena a Documentação, que tem como uma de suas raízes a Bibliografia e a Biblioteconomia.

Com as revoluções burguesas, sobretudo, a Revolução Francesa no final daquele século, o estado passou a intervir nas questões biblioteconômicas, de modo a avançar nas questões técnicas e sociais relacionadas com este universo. Para Moreiro González (2005) o livro passou a ser sentido como uma necessidade social, a idéia de democracia, implicava justamente no acesso à informação, educação e cultura. Nesse sentido, já não somente se concebia o livro como um instrumento de ornamentação dos ricos ou como ferramenta de trabalho dos eruditos, e sim como um elemento fundamental da transformação de uma sociedade, ou seja, de uma sociedade marcada pelo antigo regime em uma sociedade iluminada pela luz da razão. Outra mudança sensível no modo de pensar foi o deslocamento do ser divino como chefe do universo, para a centralidade na razão como elemento vital para o desenvolvimento humano, em lugar da divindade (MORALES LOPEZ, 2008).

As bibliotecas nesse momento foram abertas aos cidadãos, muitas delas provenientes dos fundos reais, monarquias, e de outros países, que foram saqueados e incorporados durante a Revolução (BURKE, 2012). Assim, as bibliotecas privadas foram transformadas em Nacionais, sendo geridas pelo Estado. Morales Lopez (2008) apresenta que, durante o império de Napoleão, houve uma atenção acerca desses acervos com a finalidade de organizá-los racionalmente, conferido uma centralidade aos conhecimentos bibliográficos, mas que não alcançou cientificidade própria, sendo conhecida como uma disciplina auxiliar da História. Assim, com o objetivo de conferir suporte teórico a prática de elaboração das bibliografias, o francês Gabriel Peignot, publicou em 1802, a obra *Dictionnaire raisonné de bibliologie*, “compreendido como um dos pioneiros discursos epistêmicos gerais na tentativa de afirmação de um campo científico orientado às práticas de preservação, organização e disseminação dos saberes registrados” (SALDANHA, 2015).

A Bibliología consistiria, portanto, em uma ciência geral que estudaria os princípios da bibliografia e o livro nos mais variados aspectos. Nasceu para ampliar o fazer da Bibliografia e não para suplantá-la, assim, o trabalho da ciência do livro não deveria centrar-se apenas na confecção de listas, e sim voltar-se também para aspectos mais amplos como: edição, leitura, bibliotecas, etc. (MORALES LOPEZ, 2008). Contudo, tanto a Bibliografia e como a Bibliología não alcançaram status de cientificidade ou independência, sendo consideradas auxiliares da Bibliotecología ou da Documentação (campos que se consolidam no século XIX) – a retomada pela busca da cientificidade da Bibliologia será retomada com o movimento dos neodocumentalistas no século XX, em especial na Espanha com Jose López Yepes, autor do livro *Teoría de la Documentación*, de 1978, e na França com Robert Estivals,

leitor de Escarpit. De modo sucinto, expõe que Estivals defende a cientificidade da Bibliologia, no mesmo nível da Ciência da Informação e Comunicação. Para o autor, a Bibliologia se ocuparia do estudo da comunicação escrita inserida no campo das ciências sociais, devido à relação com o mundo social e o contexto social em que insere (MORALES LOPEZ, 2008).

Ainda no século XIX, com a revolução científica, efetiva-se a consolidação da Ciência Moderna, e com ela a produção científica passou a ser a forma legítima de obtenção de conhecimento mediante o uso de métodos e técnicas advindas da lógica positivista. Esse modelo de ciência comum nas ciências naturais (exatas e biológicas), que privilegiava a busca de regularidades dos fenômenos, estabelecimento de leis, ideal matemático e intervenção na natureza por meio de processos técnicos e tecnológicos, expandiram para as ciências sociais e humanas (ARAÚJO, 2014). Desse modo, a Biblioteconomia de disciplina “auxiliar” de outros campos passou a ser uma “ciência positiva”, voltada para a sua autonomia no rol das ciências e com enfoque específico de desenvolvimento de técnicas de tratamento dos acervos que custodiam.

Além da busca pela demarcação científica desse campo, o positivismo pode ser sentido também na Biblioteconomia através da preocupação expressa nos procedimentos técnicos de intervenção, catalogação, classificação, ordenação dos acervos. Operações técnicas que objetivam manter a ordem dos acervos e das instituições, sendo, inclusive a ser nomeada de “ciências do acervo, das técnicas e das instituições” (ARAÚJO, 2014). Para esse autor, a obra que marca o surgimento formal e particular da Biblioteconomia é a *Classification and subject index, for cataloguing and arranging the books and pamphlets of a library*, de Melvil Dewey, publicada em 1876, conhecida mundialmente como a Classificação Decimal de Dewey (CDD). Contudo, anterior a essa obra outras publicações foram lançadas, as quais tinham como objetivo o aperfeiçoamento das técnicas bibliotecárias relacionadas com a organização da informação. Dentre elas destacam-se as 91 regras de Panizzi, de 1841, as regras de Charles Ammi Cutter, de 1846, o relatório *Smithsonian*, da *Smithsonian Institution* dos Estados Unidos, por Charles C. Jewett, em 1853, contendo 33 regras, baseadas nas regras de Panizzi, com algumas modificações para o contexto norte-americano. E em 1900, um século depois da criação da *Library of Congress*, nos Estados Unidos, o bibliotecário Herbert Putnam cria a *Library of Congress Classification* (LCC), de fato, um momento de grandes classificações e dos princípios da catalogação moderna (VALENZUELA, 1998).

3 A CONSTITUIÇÃO DA BIBLIOTECONOMIA CIENTÍFICA

Ademais, recuando um pouco no tempo, considera-se que o nascimento do campo da Biblioteconomia está associado ao alemão Martin Schrettinger, que em 1808, nomeou a ciência das bibliotecas, e defendeu a Bibliotecologia ou *Bibliothekswissenschaft* (significava *Bibliothek* = biblioteca e *wissenschaft* = ciência), como um conjunto de conhecimentos e habilidades necessárias para a gestão de bibliotecas, ressalta-se ainda a importância do

conhecimento técnico e habilidades específicas. Assim, apesar das outras produções e autores anteriores, pode-se considerar que, a manifestação explícita de uma formação científica da Biblioteconomia, independente e relacionada com outras disciplinas, encontra-se na Alemanha, no início do século XIX (MOLINA CAMPOS, 1990; VALENZUELA, 1998; LINARES COLUMBIE, 2004; PULIDO; MORILLAS, 2006; MORALES LOPES, 2008)².

Segundo Pulido e Morillas (2006), Schrettinger diferente da concepção de atividades práticas confere ao campo um caráter científico, em que deveria colocar a disposição as coleções a serviço de um público determinado. Morales Lopes (2008) acrescenta que, aquele autor, defendia a incorporação de metodologias e ferramentas provenientes de outras ciências para melhorar e aprofundar o estudo dos fenômenos que tinham lugar na biblioteca. A inspiração epistemológica de Schrettinger remonta a Kant, que dizia que para um saber ser reconhecido como ciência deveria partir de uma ideia, na qual constituiria em um sistema (neste caso, o estudo da biblioteca). Contudo, suas ideias não foram facilmente aceitas, pois na Alemanha as bibliotecas eram vistas como instituições culturais, com forte tradição humanista, e os livros como objetos artísticos e espirituais, e não como objetos de estudos, de valor informacional e intelectual que poderia prover proveitos aos indivíduos e as sociedades (MORALES LOPEZ, 2008).

Diferentemente, os franceses consideravam que o estudo e trabalho com as bibliotecas eram atividades empíricas e no nível da técnica, reduzindo-a a uma parte da Bibliografia/Bibliologia, esta sim considerada uma ciência geral do livro. Assim, na França a ênfase recaía sobre o livro como objeto de estudo e não na intuição bibliotecária, o que ocasionou um menor desenvolvimento da *Bibliothéconomie* (considerada uma técnica para administrar as bibliotecas). Desse modo, a Biblioteconomia se desenvolveu de modo diferente nesses dois países, a Alemanha continuou desenvolvendo o sistema de conhecimento da *Bibliothekswissenschaft*, na qual era composta pela *bibliothekskund* (bibliotecografia, que trata das notícias históricas das bibliotecas e aprecia o valor das coleções bibliográficas) e *bibliothekshehre* (biblioteconomia, que se refere a organização e administração das bibliotecas), e a França subordinou, posteriormente, a Bibliotecologia a Bibliografia/Bibliologia, e depois a Documentação.

Estava lançada, desde então, a discussão e a produção científica em torno da Biblioteconomia/Bibliotecologia. Diversos foram os autores posteriores que discutiram a matéria biblioteconômica, seus conteúdos e sua cientificidade, em diferentes regiões e momentos. Ainda na Alemanha, Friedrich Adolf Ebert, define na Enciclopédia de Ersch e Gruber, em 1818, o verbete de *Bibliothekswissenschaft* como um conjunto de

² Cumpra salientar, que há também a outra corrente historiográfica, que atribui mais tardiamente a cientificidade da Biblioteconomia, na qual começa efetivamente com a fundação da *Graduate Library School da University of Chicago*, na década de 1930 (DIAS, 2000). O que de fato nesse momento acontece é o empreendimento de modo sistematizado da pesquisa no campo, a preocupação com o desenvolvimento científico, metodológico e teórico da Biblioteconomia, tendo a partir daí a publicação das ideias de vários autores (inclusive na revista *Library Quarterly*, fundada pelo grupo de Chicago, em 1931) e a constante preocupação com o campo da Biblioteconomia, uma mudança estritamente profissional de atuação para uma atuação profissional e científica do bibliotecário.

conhecimentos e habilidades necessárias para a gestão de uma biblioteca, apresenta duas partes da disciplina, uma voltada para a preocupação com os catálogos e outra na gestão administrativa, que correspondem aos termos, respectivamente, *Einrichtungskunde* e *Verweltungskunde*. Em 1820, publica o livro *Die Bildung des Bibliothekars*, que fala sobre o perfil do bibliotecário: homem com boa memória, amor pelos livros, bom julgamento, precisão, honestidade, imparcialidade e polidez. Diferente de Schrettinger, Ebert defendia uma formação mais erudita e voltada também para a prática e técnica da atividade, sem, contudo, defender a cientificidade da disciplina. Na retomada do caráter científico, Zoller, em 1846, *Die Bibliothekswissenschaft im Unirise*, aborda-a como a ciência da organização sistemática e gestão de bibliotecas, bem como, pela primeira fala-se da função social e educativa da biblioteca como serviço público (PULLIDO; MORILLAS, 2006).

Em 1856, Petzholdt, no livro *Katechismus der Bibliothekenlehre*, diferente dos outros autores que usam o termo *Bibliothekswissenschaft*, aquele defende o termo *Bibliothekenlehre* como a “ciência das bibliotecas”, no qual significa uma espécie de ordenamento sistemático de todos os conhecimentos que se referem à biblioteca. E, que divide em duas partes: arte e doutrina de administrar a biblioteca e introdução histórica das bibliotecas (*Biblioteconomia/Bibliothekenlehre* e *Bibliotecografia/Bibliotheksdunde*, respectivamente) (VALENZUELA, 1990). A proposta de substituição do termo utilizado por Scherettinger também é realizada por Christian Molbech, em defesa de *biblioteksvidenskab*, na obra *Om offentlige Biblioteker, Bibliotekerer og det man hat kaldet Biblioteksvidenskab*, de 1829. Na Itália, em 1832, Doménico Rossetti, no livro *Saggio di bibliotattica y regole di procedura bibliotattica*, cunha o termo *Bibliotattica*, como a ciência da organização da coleção de objetos gráficos, parte da *Bibliologia*, entendida aquela como ciência da ordenação e classificação dos livros (VALENZUELA, 1990). Em 1894, os autores italianos Guido Biagi e Giuseppe Fumagalli, leitores de Petzholdt, traduzem os termos *Bibliothekenlehre* e *Bibliotheksdunde* para *De ordinanda bibliotheca* e *Praecipuis bibliothecis notitia*. Além do *Manuale Del bibliotecario*, que é uma tradução e adaptação da obra daquele autor alemão.

Na França, em 1839, Leopold Auguste Constantin Hesse, utilizou o termo *Bibliothèconomie* no título do livro *Bibliothèconomie: inscructions sur l'arrangement, la conservarion et l'administration des bibliothèques*, consolidando-o assim o uso do termo *Biblioteconomia* naquele país, termo este utilizado dois séculos antes por Gabriel Naudé. Nessa mesma direção, do uso do termo *Biblioteconomia*, vista como a técnica de administração e organização de bibliotecas, o mesmo levado para a Espanha, em 1865, devido a tradução da obra de Constantin Hesse, por Dionisio Hidalgo (PULIDO; MORILLAS, 2006). Na década de 1830, foram publicados outras importantes obras como, por exemplo, o livro de Martin Schrettinger, *Handbuch der Bibliothek-Wissenschaft*, manual de biblioteconomia voltado para o uso de não bibliotecários que queiram criar as suas próprias coleções particulares de livros (subtítulo do livro: *besonders zum Gebrauche für Nicht-Bibliothekare, welche ihre Privat-Büchersammlungen selbst einrichten wollen*).

Jean Pie Namur, escreveu também o *Manuel du bibliothécaire, accompagné de notes critiques, historiques et littéraires*, em 1834, quatro anos depois o livro *Bibliographie paléographique-diplomatique-bibliologique général, ou Répertoire systématique* [...], que na primeira parte traz um extenso levantamento bibliográfico das obras consideradas fundamentais para aquele século relacionadas com a História do livro, da Escrita e da Biblioteca (PINHEIRO, 2013). Em 1855, Jacob Abbott, escreveu sobre a produção em massa de livros, no século XIX, na obra *The Harper establishment; or, How the story books are made*, o autor conduz os leitores a um passeio pelas enormes instalações da Harper na Cliff Street e Franklin Square, em Nova York, que por essa época produzia livros "às centenas de milhares" (BATTLES, 2003). Outro livro que demonstra a quantidade de livros publicados, os quais foram arrolados em uma bibliografia descritiva e analítica, por Reube Aldridge Guild, é o livro *The librarian's manual; a treatise on bibliography, comprising a select and descriptive list of bibliographical works; to which are added, sketches of public libraries*. Seu conteúdo compreende mais de 490 títulos citados, na primeira parte, e na história de grandes bibliotecas públicas da Europa, na segunda parte. Ainda sobre a história das bibliotecas, a mesma foi dividida em três partes: Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna, cita-se o livro *Memoirs of Libraries: including a Handbook of Library Economy*, de 1859, de autoria de Edward Edwards (bibliotecário britânico responsável pelo estabelecimento de Bibliotecas Públicas no Reino Unido)³.

Cita-se, por fim, mais três livros, que foram publicados no final do século XIX: *Manuel pratique du bibliothécaire: bibliothèques publiques, bibliothèques universitaires, bibliothèques privées*, de Albert Maire, *Manuel de Bibliographie historique*, de Charles-Victor Langlois, ambos publicados em 1896, e, *Manuel de bibliothéconomie*, de Armim Graesel, de 1897. Pode-se perceber, portanto, que no século XIX foi publicada uma enorme e crescente quantidade de livros, na qual não se esgota neste texto, deixando certamente, muitos outros livros sem a sua devida exposição. Assim, de modo geral, salienta-se a variedade de publicações e de seus conteúdos em torno das matérias afins ao campo da Biblioteconomia, o que demonstra o início de sua trajetória científica nesse momento. É nesse século também que intensificam as discussões e as legislações nos países sobre a propriedade intelectual e o direito autoral, fruto da luta por direitos e liberdades individuais, advinda da Revolução Francesa. Martins (2002) cita a implementação da lei de Direito autoral nos seguintes países: Suíça (1829), Noruega (1830), Chile (1834), Venezuela (1837), Prússia (1837), Baviera (1840), Peru (1849), Portugal (1851), entre outros.

Não se pode deixar de destacar também as invenções tecnológicas, um momento conhecido como segunda revolução industrial. A busca pela eficiência, aumento da produção em escala industrial, redução de custos a partir do controle do tempo e do aperfeiçoamento das máquinas e equipamentos, os quais estavam imbricados com as pesquisas científicas, são algumas das características centrais desse período, mudanças estas que extrapolam o chão da fábrica, e passam a modificar a sociedade e a vida das pessoas. Dentre as inovações

³ Para esse autor o bibliotecário deveria ser um amante dos livros, um homem de hábitos metódicos e dotado de uma mentalidade de organização, um homem de temperamento cordial e de comportamento cortês.

referentes à indústria do livro, Martins (2002) cita a prensa mecânica movida à energia a vapor, criada por Friedrich Koenig, em 1812, a prensa rotativa de Marioni, em 1850, a máquina de linotipo, de Ottmar Mergenthaler, em 1886, que permitia a organização dos tipos em blocos, inovações que transformaram a produção e mecanizaram o processo de impressão. Essa produção em grande escala dos livros e jornais proporcionou em certa medida a democratização da cultura, devido aos múltiplos exemplares, o que garantiria um maior acesso dos materiais impressos.

Segundo Campbell (2015), os avanços na mecanização forçaram as bibliotecas a responderem a essas mudanças, porém tamanho e capacidade não foram as únicas modificações, esse período também testemunhou novos financiamentos, contratação, mobiliário, iluminação e construção de bibliotecas. A industrialização também tornou possível que um reduzido número de indivíduos, geralmente, de origem modesta, se tornassem riquíssimos, como foi o caso de Andrew Carnegie. O dono da indústria de aço financiou a construção de 2.811 bibliotecas públicas, das quais 1.946 nos Estados Unidos, 600 no Reino Unido, e as demais espalhadas pelo mundo anglófono. Contudo, grande parte da população estava afastada dos mecanismos culturais, a pobreza, desemprego e desigualdades imperavam. Assim, as bibliotecas públicas financiadas pelos governos por meio dos impostos públicos, foram criadas a fim de atender a uma demanda de uma classe menos favorecida, que até então não tivera acesso aos livros e a instituição biblioteca.

As bibliotecas públicas nascem, portanto, para promover o atendimento as classes mais baixas, e, sobretudo, para a manutenção da ordem e dos valores vigentes. Imbuídas do pensamento positivistas, as bibliotecas eram vistas como mecanismos para o progresso da nação, manutenção da democracia, mantendo os homens exaustos ocupados com a leitura, na verdade, uma boa leitura, de modo a continuar o trabalho civilizatório iniciado pela escola (SILVEIRA, 2014). Ademais, acrescenta-se que além desse contexto de sociedade industrial, o surgimento das bibliotecas está associado a acontecimentos anteriores como o triunfo da cultura secular frente à religiosa e o triunfo dos livros em língua vernácula frente aos livros em latim, movimentos de transformações iniciados na Renascença (ORERA ORERA, 1995). Essa mudança da biblioteca como um espaço aberto a todos, ao público, e ao cidadão, que mantém as bibliotecas, é visto como o momento do aparecimento da Biblioteconomia científica, diferentes dos outros autores já citados. É com as bibliotecas públicas que os leitores passam a ter acesso às estantes, pois antes disso, o acesso dependia da vinculação a clubes de bibliotecas, as quais havia uma taxa de associação (CAMPBELL, 2015). O desenvolvimento das bibliotecas públicas conduziu a uma mudança também na figura do bibliotecário, que paulatinamente, abre espaço para a ideia de mediação, em lugar apenas daquele que guarda e conserva os livros sob sua custódia.

O termo *Library economy* passou a ser amplamente utilizado com o “movimento das bibliotecas públicas”, em que se desenvolveu também o reconhecimento social e profissional dos bibliotecários, acarretando a abertura de instituições profissionais e programas de formação em nível universitário. Em 1876, foi criada a *American Library Association* (ALA), na primeira conferência organizada pela ALA, nesse mesmo ano, considera-se como o

momento precursor do "serviço de referência", ainda como uma espécie de "auxílio aos leitores", abordado pelo bibliotecário Samuel Swett Green. E no ano seguinte, em 1877, a *Library Association* (LA), tais instituições foram decisivas para a consolidação da Biblioteconomia e fortalecimento do ensino e das bibliotecas e seus processos. Ao lado dessas associações surgiam também no cenário internacional os primeiros cursos como, por exemplo, em 1887 na *Columbia School of Library Economy*, criado pelo bibliotecário Melvil Dewey. Segundo Orera Orera (1995), as escolas para a formação de bibliotecários se multiplicaram, e, paulatinamente, foram assentando as bases para uma evolução na formação destes profissionais.

4 DOCUMENTAÇÃO: UMA CISÃO ENTRE OS BIBLIOTECÁRIOS

A atenção dos bibliotecários pelas bibliotecas públicas acabou levando a uma cisão entre esses bibliotecários, tidos como tradicionais, *versus* os bibliotecários especializados, que se aproximavam dos documentalistas. Esse embate ocorreu devido a preocupação daqueles bibliotecários com a questão da educação de massa e democratização da cultura, em um momento em que havia um crescimento das publicações periódicas e uma demanda por informações atualizadas e especializadas, não mais apenas registradas nos livros e descritas segundo o conceito monográfico, que não cobria a descrição e indexação dos artigos de periódicos. Nascia, assim, na Europa, a Documentação, uma ciência geral que se ocupava com os documentos, estes vistos como registros de informação, abarcando uma variedade de suportes e formatos. A fim de ajudar os cientistas nesse contexto de “explosão da informação”, Paul Otlet e La Fontaine fundaram, em 1895, o Instituto Internacional de Bibliografia (IIB)⁴, cujo objetivo era reunir todos os materiais das ciências sociais para apoiar o trabalho dos cientistas. E, debateram acerca das questões documentais na I Conferência Internacional de Bibliografia, realizado naquele mesmo ano. O Instituto visava também a criação do Repertório Bibliográfico Universal, que centralizariam em um só lugar toda a produção do conhecimento do mundo inteiro, por meio do registro em fichas de 12,5/7,5 cm, as quais seriam alimentadas pelo envio de informações pelas bibliotecas nacionais, uma constituição também do Controle Bibliográfico Universal⁵.

Para a organização e uma análise mais profunda dos documentos de arquivos, bibliotecas e museus foi desenvolvida pelos belgas Otlet e La Fontaine a Classificação Decimal Universal (CDU), publicada em 1904, tendo como base a Classificação Decimal de Dewey. Apesar de a Documentação constituir em outro campo de estudos, conforme é

⁴ Em 1931, o Instituto Internacional de Bibliografia substituiu o termo bibliografia por Documentação, constituindo no Instituto Internacional de Documentação (IID). Em 1937, passou a ser denominado Federação Internacional de Documentação (FID), e, posteriormente, em 1986, mantendo a mesma sigla, acrescentou o termo informação – Federação Internacional de Informação e Documentação. A FID foi dissolvida em 2002 (ORTEGA, 2009).

⁵ No Brasil, Manoel Cícero Peregrino da Silva, diretor da Biblioteca Nacional (1900-1915 e de 1919-1921), criou o primeiro curso de Biblioteconomia, em 1911, mas em funcionamento no ano de 1915, e o Serviço de Bibliografia e Documentação, em parceria com IIB, abrindo assim a influência da Documentação no país, e contribuindo para a dinamização das atividades bibliográficas (ORTEGA, 2009).

exposto no *Traité de Documentation*, de 1934, desde o seu início, pode-se notar a influência das normas, técnicas e práticas biblioteconômicas e bibliográficas para o seu desenvolvimento. Sobre isso, Shera e Egan (1961) esclarecem que a Biblioteconomia e Documentação podem ser vistas como a mesma coisa até o século XIX, momento em que os bibliotecários afastam das preocupações iniciais, de dar acesso aos assuntos, para centrar na esfera das bibliotecas públicas. Antes disso, tinham um desenvolvimento que era inseparável, pois “surgiram em consequência das mesmas necessidades, empregavam processos básicos comuns, tinham objetivos quase idênticos e em muitos casos deviam seu progresso aos mesmos homens” (SHERA; EGAN, 1961, p.24).

É por meio da busca da informação especializada, atualizada, rigorosamente selecionada, e apresentada em índices e resumos elaborados por profissionais, que a Documentação se estabelece, enquanto na outra direção a biblioteca se volta para acervos extensos e variados a fim de atender a uma população crescente pela leitura. Outro nome relevante no cenário da Documentação, na França, é o de Suzane Briet, que, em 1951, publica o livro *Qu'est-ce que la documentation?*. E, na Inglaterra, pode-se destacar Bradford, que publicou *Documentarion*, em 1948, ambos eram bibliotecários e atuavam, respectivamente, na Biblioteca Nacional da França e no Museu de Ciência em Londres. No Brasil, a manifestação da Documentação pode ser vista por meio da inclusão do termo em eventos, periódicos, cursos e da criação do Instituto Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação (IBBD), em 1954, desde 1976, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT). Paulatinamente, o termo documentação passou a ser esquecido, substituído pela informação e Ciência da Informação, com exceção de alguns grupos de pesquisa e pesquisadores brasileiros, que buscam resgatar e aprofundar os estudos bibliográficos e documentológicos.

5 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO ENTRA EM CENA

Os projetos da Documentação, com a eclosão das guerras mundiais, primeira e segunda guerra, passaram por interrupções e suspensões, até que no cenário internacional a partir de 1950, e início da guerra fria, entra em cena outro conceito, o de informação, que, gradativamente, passa a substituir o termo documento, assim como o termo Documentação por Ciência da Informação (MORALES LOPEZ, 2008). Mas, anterior a isso, vale a pena aclarar a dissociação entre a classe profissional dos bibliotecários, em tradicionais e especializados, estava colocada também na Inglaterra, país em que houve a criação da *Association of Special Libraries and Information Bureaux* (ASLIB), em 1924, e anos antes, nos Estados Unidos houve a criação da *Special Library Association* (SLA), em 1908, por Cotton Dana. A disseminação das ideias da Documentação nos Estados Unidos levou também na década de 1930, a criação do *American Documentation Institute* (ADI) com o fim de investigar sobre novos métodos de reprodução fotográfica, especialmente o microfilme. Com o avanço das questões científicas e tecnológicas o ADI substituiu o nome para *American Society for Information Science* (ASIS), em 1968, e, posteriormente, para *American Society for Information Science and Technology* (ASIS&T), em 2000.

A Ciência da Informação é fruto de um contexto de uma demanda crescente pela informação científica, de uma informação estratégica devido à disputa entre as nações e o desenvolvimento científico e tecnológico. Uma história marcada pelo uso da tecnologia nos processos de armazenamento, organização, recuperação e disseminação da informação, gerada a partir dos recursos tecnológicos. Assim como, os outros campos já citados, a Ciência da Informação apresenta um somatório de esforços, em particular, os de Vannevar Bush com a máquina Memex, a Teoria da Informação de Shannon e Weaver, a Ciberbenética de Wiener, entre outros. Os eventos e as inúmeras publicações contribuíram para o seu desenvolvimento como, por exemplo, a conferência da *Georgia Institute of Technology*, em 1961/1962, que trouxe a proposta de definição daquela ciência. Uma ciência, portanto, que se preocupa com as propriedades e o comportamento da informação, as forças que governam seu fluxo e os meios de processar a informação para ótimo acesso e uso. E sua relação com a Biblioteconomia ocorre pela via interdisciplinar, em que nesse mesmo evento foi posto a distinção entre o bibliotecário e o cientista da informação, um debate que lembra ao ocorrido com a Documentação, em que o primeiro campo se voltaria para as informações gerais, e o segundo, para as informações especializadas.

Destarte, como não é objetivo rememorar os meandros, as histórias e as trajetórias da Ciência da Informação, pois constituiria foco de outra pesquisa, e que tem já tem sido realizada pelos pesquisadores nacionais e internacionais do campo. Destacando, assim, que esta ciência cuja origem recente remonta ao pós-guerra, e que lida com a informação nas mais diversas facetas: informação como coisa, como conhecimento e como processo (BUCKLAND, 1991), e que, por sua vez, pode ser representada pelos paradigmas físicos, cognitivos e sociais (CAPURRO, 2003), ou ainda inserida em um paradigma pós-custodial (ARAÚJO, 2014), constituindo, portanto, em outro campo científico. Oliveira (2005) salienta também, que para alguns autores a Ciência da Informação pode ser interpretada como multidisciplinar, pluridisciplinar, interdisciplinar ou mesmo transdisciplinar, e que apresenta como antecedentes a Bibliografia, a Biblioteconomia, a Documentação ou ainda a Recuperação da Informação. A relação da Ciência da Informação com a Biblioteconomia na literatura é refletida de diferentes maneiras, assim, pode-se encontrar a Biblioteconomia como subordinada a Ciência da Informação, como um espaço de manifestação daquela ciência ou como uma prática daquele campo; pode-se ver também a Biblioteconomia como uma ciência que dialoga de modo paralelo com a Ciência da Informação, ambos com caminhos distintos; há também posições que desconsideram uma e outra, em que não estabelecem relações.

Em síntese, a Biblioteconomia estabelece uma discussão com a Ciência da Informação, assim como fora em outros tempos, com a Documentação, com a Bibliologia e Bibliografia. Contudo, a inserção da Ciência da Informação tem provocado alterações na Biblioteconomia de modo profundo, não somente na literatura do campo, em sua estrutura do conhecimento, como também na mudança dos nomes dos cursos, periódicos, eventos, isto é, na estrutura institucional, de modo que os termos informação e Ciência da Informação no mundo foram amplamente incorporados e seguem sendo utilizados, como por exemplo,

Library and Information Science, nos Estados Unidos, inicialmente apenas *Library Science*; Ciência da Informação no Brasil, sobretudo para nos nomes dos periódicos, eventos e cursos de pós-graduação ou mesmo em estruturas institucionais (nomes de Faculdades e Escolas de Ciência da Informação), anteriormente nomeadas de Biblioteconomia; no México nota-se a inclusão do termo informação, como em *Bibliotecología y Estudios de Información*; na Espanha e nos países signatários do modelo de Bolonha, adotou-se de modo unificado o nome de *Información y Documentación*; no Reino Unido, para designar o profissional bibliotecário, na França *Bibliothéconomie et Sciences de l'information*.

Ademais, campo científico este, que tem sido nomeado sob as mais diversas definições: Biblioteconomia geral ou pura (conhecimentos teóricos, princípios e elementos comuns), aplicada (envolve a práxis, problemas específicos das bibliotecas), especializada (estuda distintos tipos de bibliotecas, suas funções, as necessidades dos usuários, etc) e, internacional ou comparada. Estes dois últimos termos atribuídos a Biblioteconomia, muitas vezes usados como sinônimos objetivam promover a cooperação e o acesso da informação sem que haja duplicação de esforços. O conhecimento e a aproximação entre as bibliotecas de diferentes países possibilitariam o compartilhamento de informações, serviços e produtos. A ideia da Biblioteconomia como sistema e redes de bibliotecas, é acentuada com a necessidade de atender as mais variadas demandas dos usuários, de reduzir os custos de compras de livros, bases de dados e periódicos, por exemplo, bem como ainda facilitar o empréstimo entre bibliotecas, sobretudo, devido às facilidades geradas pelas tecnologias de informação, computador e internet, advindos dos desenvolvimentos desde o século XX (ORERA ORERA, 1995; PULIDO; MORILLAS, 2006).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Biblioteconomia tem uma longa trajetória, uma história que se entrelaça com outros campos do conhecimento, promovendo uma aproximação e um distanciamento entre eles, movimentos que demarcam a configuração da Biblioteconomia. Esse levantamento historiográfico da constituição desse momento da Biblioteconomia não se encerra aqui, certamente, outros acontecimentos também contribuíram para seu desenvolvimento. Cita-se aqui os mais impactantes para a Biblioteconomia como foi o caso das revoluções burguesas e industrial, e a constituição dos estados nacionais, o que levou a uma demanda respectivamente pela biblioteca pública e pela biblioteca nacional. Os eventos históricos entrelaçam com o desenvolvimento da Biblioteconomia, bem como o próprio movimento cientificista do século XIX, nomeado de positivismo, que acelerou a demarcação da Biblioteconomia também como um campo específico do saber. Ademais, cada obra citada nesse trabalho, produzida no momento nomeado de Biblioteconomia científica, pode ser também um elemento de análise mais verticalizada, uma leitura na íntegra dessas produções arroladas, buscando uma discussão sobre os conceitos cruciais do campo, como, por exemplo, o de biblioteca, de bibliotecário e de da própria concepção do termo Biblioteconomia, assim como um mecanismo de compreensão das práticas desenvolvidas dentro desse contexto de uma produção marcante para o campo.

REFERÊNCIAS

BUCKLAND, M.K. Information as thing. *Journal of the American Society for Information Science (JASIS)*, v.45, n.5, p.351-360, 1991.

BURKE, Peter. *Uma história social do conhecimento II: da enciclopédia à wikipédia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

DIAS, Eduardo Wense. Biblioteconomia e Ciência da Informação: natureza e relações. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 5, n. esp., p. 11-15, jan./jun. 2000.

CAMPBELL, James. *A biblioteca: uma história mundial*. São Paulo: SESC, 2015.

CAPURRO, Rafael. Epistemologia e Ciência da Informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5, 2003, Belo Horizonte, MG. *Anais...* Disponível em: http://www.capurro.de/enancib_p.htm. Acesso em: 15 set. 2015.

LINARES COLUMBIÉ, Radames. La Bibliotecología y sus orígenes. *Ciencias de la información*, v.35, n.3, diciembre, 2004.

MOLINA CAMPOS, Enrique. Análisis del concepto de Biblioteconomía. *Documentación de las Ciencias de la Información*, Madrid, n.13, 1990.

MOREIRO GONZÁLEZ, José Antonio. *Conceptos introductorios al estudio de la información documental*. Salvador. BA.: Ed. EDUFBA, 2005.

MORALES LÓPEZ, Valentino. *La bibliotecología y estudios de la información: análisis histórico-conceptual*. Mexico, D. F.: El Colegio de México, 2008.

OLIVEIRA, Marlene de (Org.). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. 143 p. (Didática).

ORERA ORERA, Luisa. Evolución histórica del concepto de Biblioteconomía. *Revista General de información y Documentación*, v. 5, n. 2, 1995.

OLIVEIRA, Marlene de (Org.). *Ciência da informação e biblioteconomia: novos conteúdos e espaços de atuação*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. 143 p. (Didática).

PULIDO, Margarita Pérez; MORILLAS, José Luis Herrera. *Teoría e nuevos escenarios de la Bibliotecología*. 2.ed. Buenos Aires: Alfagrama, 2006.

SALDANHA, Gustavo. A posição da bibliografia na epistemologia de Peignot no setecentos. *Informação & Informação*, v.20, n.2, 2015.

SHERA, Jesse H.; EGAN, Margaret. Exame do estado atual da Biblioteconomia e da Documentação. In: BRADFORD, Samuel Clement. *Documentação*. 2 ed. London: C. Lockwood, 1961.

SILVEIRA, Fabrício José Nascimento da. *Biblioteca pública, identidade e enraizamento: elaborações intersubjetivas ancoradas em torno da Luiz de Bessa*. 2014. 253f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação.

VALENZUELA, Hortensia García. Una aportación teórica a la evolución del concepto, término y definición de Biblioteconomía. *Revista General de Información y Documentación*, v. 8, n.1, Servicios de publicaciones Universidad Complutenses, Madrid, 1998.

